

Água e gênero



O tema disponibilidade de água vem gerando uma crescente preocupação mundial quanto à melhor utilização desse recurso, visto que do total que compõe a superfície do planeta aproximadamente 97% provém de oceanos e mares, 2% geleiras inacessíveis e somente 1% é originário de rios, lagos e fontes subterrâneas, sendo os dois últimos em condições de potabilidade, sem considerar dessalinização.

Parte da população mundial não tem acesso à água, principalmente potável, apesar dessa ser um direito humano. Analisando sob essa ótica, a água como bem e direito não deveria ser vista apenas como fim econômico, mas também ser inserida no contexto de melhoria social. Assim, o gênero, enquanto fator excludente para algumas questões decisivas de gerenciamento em diversos assuntos, torna-se um ponto de mutação para a realidade que se vivencia. Na África, por questões culturais em determinadas regiões, algumas responsabilidades tornam-se especificamente de um gênero, como o uso dos recursos hídricos ou, popularmente, a busca pela água para saciar a sede.

Enquanto homens têm predisposição para construção (fazer latrinas, escavar poços), a mulher se dedica à manutenção dessas obras e ao acesso à água para sua família. É ela quem traz a água para cozinhar o alimento, banhar os filhos, realizar a limpeza e higienização da moradia e outras tarefas que garantem a saúde e bem-estar dos seus familiares e comunidade como um todo. Como o recurso é escasso, a mulher faz o

Assim, o gênero, enquanto fator excludente para algumas questões decisivas de gerenciamento em diversos assuntos, torna-se um ponto de mutação para a realidade que se vivencia

gerenciamento para o seu melhor aproveitamento, garantindo que haja continuidade no abastecimento e evitando o desperdício.

Essa realidade africana não está tão distante de nós, brasileiros. A própria mídia televisiva nos contempla seguidamente com imagens de mulheres com latas d'água na cabeça. Até música sobre esse tema existe, afinal, quem não recorda da marchinha de carnaval "Lata d'água na cabeça. Lá vai Maria. Lá vai Maria..." E por conta disso, muitas Marias são acometidas por problemas gravíssimos na coluna! Também não esqueçamos que essas cenas podem ser visualizadas por qualquer um de nós, gaúchos. Basta ir ao interior, onde não há canalização, saneamento e fornecimento de água que chegue nas torneiras das residências. Não é só a mulher nordestina que passa por essa situação.

Outro ponto de ligação entre água e gênero é o da gestação. O líquido amniótico que engloba o filho no ventre da mãe e desde o

início da gestação está presente em nossas vidas, iniciando pela própria célula reprodutiva. Se houvesse um comparativo entre o curso de um rio e a vida da mulher, poderíamos fazer várias analogias como a nascente, fonte da vida, início de nossas vidas.

Nascente é algo puro, imaculado, que sacia a sede sem muitos requisitos, assim como nosso início de caminhar nessa vida. Quantas Marias da lata d'água não foram inocentes, alegres, com a juventude toda pela frente e muita esperança na caminhada. Em seguida vemos o curso de água, onde na adolescência a mulher aprende a se moldar conforme as necessidades e regras da sociedade, aprende a ser tolerante, a ceder e impor, transpor barreiras, ora calma, ora movimento em turbilhão. E finalmente deságua na foz, que segundo o ponto de vista de cada um seria o sucesso, a caminhada chegando ao final (sucesso profissional, formação de uma família, reconhecimento pelo esforço, autorrealização, autoconhecimento...ou mesmo o fim da jornada nesta existência).

Após essas considerações, se ainda houver dúvidas sobre o motivo de unir água e gênero, eis a resposta mais simples e direta: porque metade da população é feminina e porque água é vida e a vida é gerada através do ventre de uma mulher. Fica aqui a homenagem do Comitê Pardo a todas as mulheres.

Verushka Goldschmidt Xavier

Bióloga, secretária executiva do Comitê Pardo

A Venezuela sem Chávez

A morte de Hugo Chávez expõe ao mundo, mais uma vez, o já infeliz e consagrado jeito latino-americano de fazer política, calcado na figura de um personagem posado como salvador da pátria, e não sobre um programa de governo. A Venezuela vive hoje a mesma comoção que já viveram argentinos por Evita e Perón, brasileiros por Vargas e Tancredo e outros povos da região por seus líderes mortos. Respeitadas as diferenças de tempo e lugar, é apenas uma "avant-première" do que se dará no dia em que morrer o octogenário Fidel Castro, apenas com a diferença de que o líder cubano deixará um número maior de viúvas políticas e ideológicas, já que exportou a sua inviável revolução durante cinco décadas.

O polêmico Chávez surgiu no cenário político ao tentar um golpe de Estado. Passou algum tempo na cadeia e, anistiado, entrou para a política e conseguiu falar a língua do povo. Governou por 14 anos o seu país, rico em petróleo e carente em produção de alimentos e manufaturados. Promoveu a redistribuição de renda, com programas sociais que hoje se alastram para outros países, inclusive o Brasil, mas não conseguiu atrair investimentos economicamente produtivos. Ninguém, a essa altura, é capaz de prever com segurança o que será da Venezuela e do chavismo sem Chávez. Em 30 dias ocorrerá a eleição do novo presidente. Resta saber se o eleito conseguirá estabelecer a governabilidade num país cuja legislação e instituições foram moldadas para o manejo pessoal do líder morto.

Enquanto chefes de Estado, simpatizantes e o povo desfilam no concorrido velório e sepultamento, as forças políticas de Caracas estarão buscando as difíceis equações do momento. O país vive a crítica encruzilhada entre o certo e o duvidoso, o bom e o ruim, o lógico e o ilógico. E, apesar de todas as opiniões e solidariedade externas, isso só cabe aos próprios venezuelanos decidir e, logicamente, pagar o preço da decisão.

Tida durante muito tempo como "quintal" das grandes potências, a América Latina é sofrida por não ter uma cultura política sólida. Tudo aqui se faz na passionalidade e no improviso. Raramente os planos de governo sobrevivem no mandato seguinte. Independente do viés ideológico, personaliza-se governantes e líderes e enfraquece-se o Estado, quando deveria se fazer o contrário. Se o Estado fosse mantido forte, não teríamos vivido tantos golpes e cada nação do continente certamente já teria encontrado a sua vocação e o caminho mais indicado para o desenvolvimento. Ultimamente os golpes militares estão fora de moda, mas a sociedade é golpeada pela corrupção e até pelos golpes político-parlamentares, desfechados em nome da democracia.

Para nós, brasileiros, a Venezuela, além de vizinha, amiga é excelente parceira comercial. Temos de torcer para que encontre o seu rumo e tanto esse país quanto os outros da área sejam capazes de estabelecer o Estado, que é permanente, mais forte do que a figura dos governantes, que são efêmeros. Só assim, todos nós, um dia, deixaremos de ser incomodamente vistos como "repúblicas de bananas"...

Dirceu Cardoso Gonçalves

Dirigente da Aspomil (Associação de Assist. Social dos Policiais Militares de São Paulo) - aspomilpm@terra.com.br



Propriedade da
GAZETA DO SUL S.A.
Fundada em 26/01/1945

CNPJ 95.424.834/0001-30

ANDRÉ LUÍS JUNGBLUT
Diretor Presidente

ROMEU INACIO NEUMANN
Diretor de Conteúdo

PAULO ROBERTO TREIB
Diretor Industrial

RAUL JOSÉ DREYER
Diretor Comercial

JONES ALEI DA SILVA
Diretor Administrativo

MARIA ROSILANE ZOCH ROMERO
Editora-chefe

Gazeta do Sul

Rua Ramiro Barcelos, 1.206 | Fone: 3715-7800 | Fax: 3715-7863
Caixa Postal 118 | CEP 96.810-900 | Fax/Redação: 3715 7944

www.gazetadosul.com.br

Empresa filiada à



direcao@gazetadosul.com.br redacao@gazetadosul.com.br publicidade@gazetadosul.com.br assinaturas@gazetadosul.com.br

Porto Alegre: Grupo de Diários, Rua Garibaldi 659, sala 102, Bairro Floresta CEP 90035050 - Fone/Fax: 3272 9595
e-mail: comercial@grupodediarios.com.br
Site: www.grupodediarios.com.br

Vera Cruz: Rua Martim Francisco, 72 - Fone 3718-1312
Candelária: Rua Gaspar Silveira Martins, 893 - Fone 3743-3662
Venâncio Aires: Júlio de Castilhos, 785 - Fone 3741-2263
Rio Pardo: Rua Senhor dos Passos, 34, 2º andar - Fone 3731-1390

Gazeta do Sul não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados e não devolve originais, publicados ou não.